

**NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA  
E MUDANÇA LINGÜÍSTICA**

*José Carlos Alves de Azeredo Júnior* (IFF)

[rpr.junior@hotmail.com](mailto:rpr.junior@hotmail.com)

*Thiago Soares de Oliveira* (IFF)

[so.thiago@gmail.com](mailto:so.thiago@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho se consubstancia em uma revisão crítica de literatura acerca de como entender a Linguística Histórica e de percepções acerca da mudança linguística, objeto principal dessa ciência pré-saussureana. A partir disso, pretende-se fornecer subsídios teóricos a alunos que principiam o estudo na seara da linguística, especialmente aos que cursam licenciatura em Letras, o que justifica esta pesquisa bibliográfica, amparada nos pressupostos metodológicos aventados por Gil (1999). Como se pretende uma revisão crítica de literatura, este artigo estrutura-se em duas seções: a primeira, que visa traçar uma trajetória sucinta da Linguística Histórica, expondo as várias correntes a partir das quais se pode vislumbrar uma pesquisa dessa natureza; a segunda, que expõe as principais percepções acerca da mudança linguística, objeto caro aos estudos de diacronia.

**Palavras-chave:**

Linguagem. Linguística Histórica. Mudança linguística.

**ABSTRACT**

This article is substantiated in a critical review of literature about how to understand Historical Linguistics and perceptions about linguistics change, the main subject of this pre saussurian science. From this, the article intend to provide theoretical subsidy to students who are starting their studies in the linguistics field, especially to the ones who are graduating in letters teaching, which justify this bibliographic searching, supported by the methodological presuppositions fanned for Gil (1999). Knowing it's intend a critical literature review, this article is structured in two sections: the first one wants to do a short pathway of the Historical Linguistics, showing the various streams from which can be glimpsed a search with this nature; the second, which expose the main perceptions about de linguistic change, object dear to the diachronic studies.

**Keywords:**

Language. Historical Linguistics. Linguistic change.

**1. Considerações iniciais**

Os estudos de Linguística História têm sido renovados com o passar do tempo, à medida que as novas ciências e disciplinas acrescentam descobertas relevantes à seara da linguagem. Dessa forma, ainda que ori-

ginada basicamente no fim do século XVIII, tal ciência pré-saussureana tem se valido de vários pressupostos modernos, que a revestem sob várias “roupagens” distintas.

Partindo disso, este trabalho objetiva traçar uma breve trajetória da Linguística Histórica, com suas diferentes correntes teóricas, e como cada uma delas concebe a dinâmica da língua. Além disso, pretende-se refletir sucintamente acerca da mudança linguística, de suas causas, impactos e formas de ocorrência. Tudo isso com o intuito de fornecer subsídios teóricos a alunos que principiam o estudo na seara da linguística, especialmente aos que cursam licenciatura em Letras e aos interessados pelo estudo da diacronia da língua, o que justifica a pesquisa aqui desenvolvida.

Metodologicamente, adota-se a pesquisa bibliográfica, que “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, além de ser “indispensável nos estudos históricos” (GIL, 1999, p. 65). Como se pretende uma revisão crítica de literatura, este artigo estrutura-se em duas seções: a primeira, que visa traçar uma trajetória sucinta da Linguística Histórica, expondo as várias correntes a partir das quais se pode vislumbrar uma pesquisa dessa natureza; a segunda, que expõe as principais percepções acerca da mudança linguística, objeto caro aos estudos de diacronia.

Por fim, sem a intenção de esgotar o assunto, mas apenas de subsidiar os “primeiros passos” teóricos na área da Linguística Histórica, utilizam-se como base teórica autores como Lehmann (1992), Faraco (2005), Weedwood (2002), Jeffers e Lehisle (1992), Mattos e Silva (2008), Paixão de Souza (2006), bem como outros estudiosos da área.

## **2. Traçando uma trajetória sucinta da linguística histórica<sup>219</sup>**

Pesquisar sobre mudanças linguísticas, conhecê-las, investigar suas causas e observar o desenvolvimento de uma língua através dos tempos são trabalhos que se enquadram no panorama da Linguística Histórica, disciplina responsável por diversos estudos na área de Letras. Para o

---

<sup>219</sup> A intenção deste tópico é apenas tecer breves considerações sobre as abordagens possíveis da Linguística Histórica. Dessa forma, recomenda-se que, para maiores informações sobre as abordagens, sejam consultadas as obras de Paixão de Souza (2006), Lehmann (1992), Faraco (2005).

linguista americano Winfred P. Lehmann, em seu livro *Historical Linguistics: an Introduction* (1992), os estudos dessa disciplina científica são necessários e pertinentes porque as variações da língua nem sempre são óbvias e, por conta disso, demandam complexas investigações estatístico-quantitativas<sup>220</sup> para que se identifiquem as relações entre fatores não linguísticos e aspectos de variação linguística, tanto fonológicos como morfológicos, lexicais e sintáticos.

Partindo de um breve resumo acerca do desenvolvimento da Linguística Histórica, elencando seus principais estudiosos e correntes teóricas, serão sucintamente discutidas as causas e os contextos das variações linguísticas, bem como os pontos de vista sobre elas, já que os fenômenos linguísticos são múltiplos, sendo importante estudar o seu desenrolar ao longo do tempo a fim de se obterem dados acerca das mudanças ocorridas e de compreender como elas influenciam a língua contemporânea. Para efeitos de definição, entende-se tal ciência como "um campo de reflexão onde têm-se articulado diferentes concepções de língua, e diferentes concepções de história" (PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 13).

Em sua obra *Caminhos da Linguística histórica: ouvir o inaudível*, a linguista brasileira Rosa Virgínia Mattos e Silva (2008) afirma que os linguistas históricos, tradicionalmente, interpretam mudanças – fônicas, mórficas, sintáticas e semântico-lexicais através dos tempos e em determinado espaço geográfico. Paixão de Sousa (2006) acrescenta que é fato que a reflexão humana sobre os aspectos linguísticos nasce antes da própria Linguística e que essa ciência é um resultado formal e sistematizado da preocupação com as análises desses pontos. Em complementação, a linguista neozelandesa Barbara Weedwood, por sua vez, cita e explica diversos exemplos de estudos da linguagem muito anteriores ao surgimento da Linguística em seu livro *História Concisa da Linguística* (2002). Um dos exemplos que a autora menciona é o da Índia Antiga, onde os estudiosos investigavam a fonética articulatória a fim de manter a pronúncia correta de seus textos religiosos há mais de 2.500 anos. No século V a.C., por exemplo, Panini publica a gramática analítica do sânscrito, a língua sagrada dos hindus. Outro exemplo diz respeito à Grécia Clássica, onde estudiosos como Platão e os filósofos pré-socráticos, tam-

---

<sup>220</sup> Apesar de Lehmann (1992) referir-se às investigações estatístico-quantitativas, sabe-se que os estudos de Linguística Histórica podem recair sobre a necessidade de identificar os aspectos da variação e as relações entre fatores não linguísticos, mas de ordem histórica.

bém por volta de V a.C., acreditavam que o código linguístico era a representação da realidade e, por isso, o investigavam a fim de se entender o real.

Além disso, os estudiosos da época pesquisavam questões vocabulares a fim de organizarem discursos baseados em um sistema lógico perfeito. Weedwood (2002) cita, ainda, os estudos da linguagem como os de Varrão, entre os séculos II e I a.C., que serviram à formação retórica romana, e à elaboração das gramáticas latinas; a preservação de textos históricos do judaísmo, no século I; a arquitetura disculpadora do cristianismo e do islamismo, também a partir dos primeiros séculos depois de Cristo, entre outros olhares sobre questões linguísticas, como os cuidados filológicos dos alexandrinos, como Dionísio Trácio, no século II, as discussões filológicas da Idade Média, e as buscas renascentistas sobre a gênese das línguas, projetos que ocorrem muito antes do surgimento da disciplina científica com os seus métodos, conceitos, pressupostos e empirismo.

A origem da investigação de fenômenos linguísticos em um caráter mais científico remonta ao final do século XVIII, pois, antes disso, as análises abordavam a língua como uma realidade estável, atemporal, pouco sistematizada e organizada segundo princípios da lógica (assumidos como necessariamente universais e não históricos). Somente no fim do século XVIII e início do século XIX, a abordagem da língua passa a focá-la como uma realidade em transformação, entendendo a ciência da linguagem como histórica. Segundo Faraco (2005), há dois ciclos importantes dentro desses aproximados 200 anos de história: o primeiro inicia-se em 1786, com os estudos europeus sistematizados e comparados sobre o sânscrito, língua clássica dos hindus, realizados pelo inglês William Jones, que era juiz em Calcutá. Ele apresentou uma comunicação à Sociedade Asiática de Bengala, destacando as inúmeras semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego.

Esse primeiro ciclo encerra-se em 1878, quando é publicado o manifesto dos neogramáticos. No período de 1786 até 1878, consolida-se o chamado método comparativo<sup>221</sup>, que, de acordo com Weedwood (2002), foi o principal responsável pelo avanço dos estudos linguísticos. Essa ferramenta, segundo a autora, contribuiu para a formação de um conjunto de princípios sistematizados de comparação entre as línguas,

---

<sup>221</sup> Cf. Weedwood (2002) e Faraco (2005).

em seus sistemas fonéticos, estrutura gramatical e vocabulário, para demonstrar que elas compartilham de uma mesma gênese, pois, da mesma forma que as línguas românicas são provenientes do latim, também o latim, o grego e o sânscrito, e as línguas célticas, germânicas e eslavas e várias outras línguas teriam se originado de alguma língua mais antiga, à qual é costume aplicar o nome de *indo-europeu* ou *proto-indo-europeu*.

Na verdade, segundo Weedwood (2002), o fato de as línguas românicas descenderem do latim (vulgar) e, assim, constituírem uma “família” já era conhecido há séculos. Mas a existência da família linguística indo-europeia e a natureza de sua relação genealógica foram demonstradas pela primeira vez no século XVIII no estudo realizado por William Jones, a fim de encontrar semelhanças entre elas. No estudo, o autor encontra numerosas semelhanças entre três línguas antigas, e, com base nesses resultados, lança, em 1776, a hipótese de que essas elas poderiam ter jorrado de uma fonte comum. Anos mais tarde, início do século XIX, as análises de Jones, recuperadas e desenvolvidas tanto pelo alemão Jacob Grimm quanto pelo dinamarquês Ramus Rank, fomentaram e possibilitaram a consolidação do método comparativo.

Antes de Grimm, os estudos dessa natureza se preocupavam apenas em estabelecer parentesco entre diferentes línguas, sem distribuir dados em um percurso histórico nem apontar as mutações sofridas por esses elementos ao longo do tempo. Até que, em 1822, o linguista alemão inova em seu livro *Deutsche Grammatik* (Gramática Alemã), explicando as correspondências fonéticas entre línguas como resultado de mutações no tempo. Segundo Weedwood (2002), Grimm observou, por exemplo, que, onde o gótico (a mais antiga língua germânica sobrevivente) tinha um *f*, o latim, o grego e o sânscrito frequentemente tinham um *p* (por exemplo: gótico *fotus*, latim *pedis*, grego *podos*, sânscrito *padas*, todas significando *pé*). Segundo a mesma autora, Grimm também chegou à conclusão de que, quando o gótico tinha um *p*, as línguas não germânicas tinham um *b*; quando o gótico tinha um *b*, as línguas não germânicas tinham uma aspirada (latim *f*, grego *ph*, sânscrito *bh*). Para dar conta dessas correspondências, ele propôs uma mudança sonora cíclica ocorrida na pré-história do germânico.

Percebe-se, a partir disso, a importante contribuição dada por Grimm aos estudos de Linguística Histórica, já que ele não só usou o método comparativo para encontrar correspondências entre diferentes línguas, como também distribuiu esses dados através do tempo e verificou as mutações temporais que evidenciavam tais correspondências. Esse

primeiro ciclo da Linguística Histórica também é marcado pelos estudos do linguista dinamarquês Rasmus Rask, comparando aspectos das línguas nórdicas; do linguista alemão August Schleicher, que trouxe a compreensão, influenciado pelas correntes Darwinistas, da língua como um organismo vivo, independente e descolado de seus falantes; e da filologia românica (WEEDWOOD, 2002).

O segundo ciclo da Linguística Histórica inicia-se em 1878, com o manifesto neogramático, e chega até os dias de hoje. Este período é marcado por uma contínua tensão entre duas grandes linhas interpretativas:

Uma mais imanentista, que — continuadora, de certa forma, do pensamento neogramático e caudatária do estruturalismo e, depois, do gerativismo — vê a mudança como um fato primordialmente interno, isto é, como um acontecimento que se dá no interior da língua e condicionado por fatores da própria língua. A outra, mais integrativa, que — enraizada nos primeiros críticos dos neogramáticos e fundada nos estudos de dialetologia e, depois, de sociolingüística — entende que a mudança deve ser vista como articulada com o contexto social em que se inserem os falantes, isto é, como um evento condicionado por uma conjunção de fatores internos (estruturais) e externos (sociais). (FARACO, 2005, p. 129)

Diante dessas duas grandes vertentes da Linguística Histórica, uma mais imanentista e outra mais integrativa, ressalta-se que a segunda corrente citada, ao contrário da primeira, considera que as variações da língua não só ocorrem por fatores internos a ela, mas também por influências contextuais de seus falantes, como asseveram Weinreich, Labov e Herzog (2006), ao considerarem que, em um processo de mudança, não há como dissociar os fatores linguísticos dos fatores sociais e que o pesquisador que concentra seus estudos em apenas um desses aspectos estará alheio à riqueza de fenômenos a serem observados na fusão desses dois fatores.

O grupo neogramático<sup>222</sup> inaugura na Linguística Histórica a abordagem psicológica subjetivista da língua, postulando que esta está intimamente ligada aos seus falantes. Além disso, criticando seus antecessores, vê a necessidade de um maior rigor metodológico nos estudos linguísticos. De acordo com os linguistas ingleses Jeffers e Lehiste (1992), os neogramáticos trabalhavam com um pressuposto básico: a mudança linguística é um fenômeno regular. Esse pensamento era contrário ao

---

<sup>222</sup> Cf. Weedwood (2002), Lehmann (1992), Jeffers e Lehiste (1992) e Faraco (2005).

pensamento de muitos estudiosos anteriores que aceitavam a noção de que as mudanças eram esporádicas e, por isso, eles estavam dispostos a demonstrar vínculos genéticos na base de semelhanças fonéticas amplamente difundidas pelos léxicos das línguas.

Ainda segundo Jeffers e Lehisté (1992), os neogramáticos se opunham a essas ideias, pois entendiam que elas desconsideravam a ocorrência de regularidades das correspondências fonéticas que eram observadas nas línguas aparentadas, regularidades essas que exigiam uma explicação e, se assim não o fosse, estar-se-ia admitindo que as mudanças linguísticas não eram passíveis de investigação científica rigorosa. A hipótese da regularidade, segundo os neogramáticos, eliminaria ambos os problemas.

Outra corrente da Linguística Histórica, de pensamento oposto ao dos neogramáticos e que causa grande impacto na disciplina é a estruturalista<sup>223</sup>, que surge no início do século XX, encabeçada pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure. Segundo Lehmann (1992), Saussure<sup>224</sup> imaginava os fundamentos da linguagem como um sistema abstrato dividido em *langage* (linguagem em geral), *langue* (estrutura abstrata) e *parole* (a língua em uso). Dessa maneira de enxergar a linguagem, o suíço se distanciou da ênfase psicológica dos neogramáticos, já que enxergava a língua dissociada do falante, autônoma.

De acordo com Rodolfo Ilari (2011), no artigo *O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos*, os desdobramentos das ideias saussurianas são heterogêneas, tendo cada uma suas particularidades:

Compreende-se, nesse contexto, que tenha havido o desenvolvimento de muitas linhas de investigação linguística que puderam ser consideradas saussurianas (estruturais), e, no entanto, foram muito diferentes entre si. Nessas condições, falaremos em linguísticas saussurianas no plural, e reservaremos esse nome a algumas orientações que tiveram amplo reconhecimento, e que aplicam disciplinadamente o ideário saussuriano tal como expusemos: prioridade da análise do sistema, concepção da língua como forma, descarte da substância, preferência pela sincronia. (ILARI, 2011, p. 68)

O impacto causado pelo estruturalismo em um primeiro momento é que, a partir dele, a Linguística ficou mais concentrada em estudar estados da língua, ou seja, abordagens sincrônicas, tendo os estudos histó-

---

<sup>223</sup> Cf. Lehmann (1992) e Faraco (2005).

<sup>224</sup> Cf. Saussure (1995).

ricos, diacrônicos, menos espaço dentro da ciência moderna, apesar de esse aspecto ser considerado nas teorias de Saussure, mas não incluso em seus estudos. Contudo, os estudiosos do próprio estruturalismo foram percebendo que os estudos sincrônicos dependiam de dados e investigações históricas, ou seja, que um estado da língua, ao contrário do que pensava Saussure, não poderia ser explicado isoladamente. Por isso, a mesma corrente, posteriormente, traz para a Linguística a ideia de que qualquer mudança deve ser sempre analisada sistemicamente, isto é, situando-a em suas relações com outros elementos da língua, seja antes, durante ou depois da mudança.

Concomitante ao grupo dos estruturalistas, há, nos Estados Unidos, o grupo dos gerativistas<sup>225</sup>, cujo principal estudioso é Avram Noam Chomsky. Eles acreditam, de modo geral, que a Linguística deveria ocupar-se do estudo da competência linguística inata dos falantes, em vez de restringir-se ao desempenho da realização da língua, o que era característico dos estudos linguísticos anteriores. Segundo Weedwood (2002), o estudo da realização da linguagem para os gerativistas era inadequado porque só se debruçava sobre uma fração ínfima do potencial linguístico dos falantes, considerando apenas o que aparece nos enunciados prontos e ignorando que o usuário tem competência para ir muito além das limitações de qualquer *corpus*, sendo capaz de criar e reconhecer enunciados inéditos e de identificar erros de desempenho. A descrição das regras que governam a estrutura desta competência é, portanto, o objetivo mais importante.

A partir disso, pode-se observar que os gerativistas imprimem à Linguística uma concepção da língua como inata ao ser humano, colocando como causas de mudanças aspectos subjetivos, psicológicos, o que distancia um pouco o interesse desses estudiosos por aspectos históricos. Além disso, fica claro que eles focam na capacidade cerebral do falante de formar infinitos enunciados.

A ideia de que os falantes influenciam o sistema linguístico e são responsáveis por mudanças, evoluções, usos e desusos é adicionada, a partir dos estudos já descritos, ao panorama da Linguística. Contudo, durante um longo período, esse falante é percebido de maneira individual, descontextualizado de sua realidade social. É somente em 1928 que o

---

<sup>225</sup> Para visões históricas acerca da contribuição do gerativismo para a Linguística Histórica, conferir Weedwood (2002) e Paixão de Souza (2006).



linguista francês Antoine Meillet invoca o elemento contextual para os estudos linguísticos, como bem explica Mattos e Silva (2008):

Meillet foi um grande indoeuropeísta, como, aliás, não poderia deixar de ser, já que sua formação vem do séc XIX. Especialista em latim e grego, escreveu, na segunda década do século XX, dois clássicos – *Esquisse d'une histoire de la langue latine* e *Esquisse d'une histoire de la langue grecque*; nesses dois livros, vinculou a história da língua à história da sociedade. É no primeiro que afirma: 'a história política de Roma e a história da civilização romana explicam a história da língua latina'. (MATTOS E SILVA, 2008, p. 57)

Os estudos de Meillet<sup>226</sup> trazem para a Linguística Histórica, então, a necessidade de se contextualizar o falante no espaço, tempo, classe, entre outros aspectos que vão influenciar mudanças na linguagem:

En latin, les faits, plus récents, sont en partie plus saisissables, et je me suis efforcé de montrer ici comment les événements historiques et les états successifs de la société ont en quelque mesure déterminé le développement de la langue.

Toutes minces qu'elles sont, les données qu'on possède laissent apercevoir comment le latin s'est détaché de l'indo-européen, sous quelles actions il est devenu une grande langue de civilisation, comment la langue savante a survécu, fournissant à l'Europe occidentale une langue commune, et comment le parler courant s'est brisé en parlers distincts pour aboutir aux grandes langues romanes.<sup>227</sup> (MEILLET, 1931, p. VII)

Como se lê, o autor inova, em seu estudo histórico sobre a língua latina, pois leva em consideração os contextos de realização da língua e como eles determinaram sua evolução, em vez de entender essas mudanças de forma isolada. Essas novas considerações iniciadas por Meillet são reforçadas dentro da Linguística Histórica na segunda metade do século XX com as questões levantadas pelos novos campos de estudo da linguagem, como afirma Maia (2012):

Após muitos anos de hegemonia dos estudos sincrônicos, assiste-se, a partir das últimas décadas do século XX, à renovação da Linguística Histórica, em grande parte em virtude das alterações operadas na Linguística

---

<sup>226</sup> Cf. Mattos e Silva (2008).

<sup>227</sup> Em latim, os fatos mais recentes são, em parte, mais tangíveis, e tentei mostrar aqui como os eventos históricos e os sucessivos estados da sociedade determinaram, em certa medida, o desenvolvimento da língua. Por mais fracos que sejam, os dados que possuímos nos permitem perceber como o latim se separou do indo-europeu, sob que condições se tornou uma grande linguagem da civilização, como a língua erudita sobreviveu fornecendo à Europa Ocidental uma língua comum, e como o falar corrente partiu-se em falas distintas, resultando nas grandes línguas românicas (tradução nossa).

Geral acerca do modo de perspectivar a mudança linguística [...]. Refiro-me aos estudos de Sociolinguística, de Análise do Discurso e Pragmática, que conduziram, por um lado, à incorporação nas análises diacrônicas da variação linguística e, por outro, à consideração da interação entre a língua e o contexto pragmático. (MAIA, 2012, p. 534)

Diante dessa multiplicidade histórica de abordagens do material linguístico, desde os estudos não sistematizados, motivados por intenções retóricas, poéticas e religiosas, até as novíssimas contribuições dos estudos que integram língua e sociedade, bem como língua e intenção discursiva, passando pela preocupação dos filólogos em reconstruir um passado linguístico e estabelecer correspondências entre idiomas; pelo pensamento estruturalista de autonomia do sistema linguístico; pela tônica neogramática do rigor metodológico e da língua intimamente ligada ao seu falante; pela contribuição de Grimm ao situar mudanças linguísticas em períodos históricos; pela inovação gerativista de focar na competência linguística; e pelo pioneirismo de Meillet na consideração de aspectos contextuais em estudos da linguagem, vê-se que a Linguística Histórica é dotada de fartas correntes de pensamento, que podem resultar em inúmeros tipos e explicações sobre o mesmo fenômeno linguístico, explicações essas que nem sempre são harmônicas, como é comum na ciência, mas, é por meio dessas diferentes visões que a disciplina se afasta de posturas dogmáticas e afirma seu caráter científico.

### **3. *Percepções acerca da mudança linguística***

Exposta uma breve trajetória da Linguística Histórica, que nasce e se desenvolve tendo em vista a percepção de que a língua muda através dos tempos e marca a relevância do entendimento dos processos variacionais, percebe-se que, na abordagem histórica, foram e ainda são utilizadas diferentes vertentes teóricas, como a estruturalista, a filológica, a gerativista, entre outras.

Nesses aproximados 200 anos de efetiva sistematização da Linguística Histórica, muito se tem observado, estudado e produzido acerca e a partir das variações da língua. Weinreich, Labov e Herzog (2006) observam que a aceitação normativa de uma mudança linguística não é homogênea, ou seja, não ocorre da mesma forma com todas as mudanças, nem é instantânea, pois envolve diversos processos e modelos de variação, bem como longos períodos históricos. Paiva e Duarte (2006) acrescentam que “o princípio da heterogeneidade ordenada e sistemática pode ser constatado em todos os níveis linguísticos em todas as línguas natu-

rais, o que não exclui, em hipótese alguma, a existência de regras categóricas” (PAIVA; DUARTE, 2006, p. 135).

Dessa forma, entende-se que, embora mudanças históricas sejam fatos na realidade linguística, não ocorrem em um nível tão radical a ponto de tornar a língua incompreensível e incapaz de estabelecer comunicação, principalmente porque essas mudanças se realizam de forma bastante gradativa e lenta, atingindo partes da língua, desde a prosódia e a pragmática até a organização do sistema e as acepções semânticas. Em pensamento análogo, Lehmann (1992) assevera que todas as áreas da estrutura linguística podem sofrer alterações – nos sons (mudança fonológica), nas formas (a mudança morfológica), na ordem relativa dos itens e na sua tipologia (a mudança sintática) e no sentido e significado (mudança léxica ou semântica).

Bechara (2009) sustenta que as diferenças linguísticas podem ser causadas por três aspectos:

1. No espaço geográfico, constituindo os diferentes dialetos; Essa diversidade no espaço se diz *diatópica* (do grego *diá* ‘através de’, *topos* ‘lugar’), enquanto a relativa uniformidade no espaço se diz *sintópica* (do grego *syn* ‘reunião’).
2. No nível sociocultural, constituindo os diferentes níveis de língua e estratos ou camadas socioculturais. Essa diferença no estrato sociocultural se diz *diastrática* (do latim *stratum* ‘estrato’, ‘camada’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinestrática* ou *sinstrática*, também conhecida por *dialeto social*.
3. No estilo ou aspecto expressivo, isto é, em relação a diferentes situações do falar e estilos da língua. Essa diferença se diz *diafásica* (do grego *fásis*, ‘expressão’), enquanto a relativa uniformidade correspondente se diz *sinfásica* ou *homogeneidade estilística* (BECHARA, 2009, p. 37)

Concordando com Bechara (2009), mas adicionando outras variáveis como geradoras de novas formas de realização da língua, Rodrigues (2016), além de considerar os fatores coletivos, tais como o estrato social, o tempo histórico, o espaço geográfico e a situação em que ocorre a fala, ressalta a influência de aspectos individuais do falante, como a idade, o gênero, a escolaridade e o estilo de fala. Os fatores adicionados por Rodrigues (2016) são bem mais específicos dos que os especificados por Bechara (2009).

Weinreich, Labov e Herzog. (2006), contudo, refletindo sobre os importantes estudos do alemão Herman Paul, ousam ainda mais na particularização da origem das variações linguísticas, colocando-as no nível

do gosto pessoal do falante. Eles apresentam a possibilidade de que os usuários da língua preferem se conformar a determinados idioletos<sup>228</sup> de seus interlocutores e que a adoção de novos traços é seletiva, passa pela escolha do indivíduo em aceitá-los ou não. Embora estejam os autores apenas apresentando tal possibilidade, não emitindo juízo de valor sobre ela, nota-se que essa pressuposição garantiria um novo olhar sobre as forças geradoras de variações na língua, ou seja, embora os aspectos contextuais (estrato social, lugar, situação) e individuais (gênero, idade, escolaridade, estilo) influenciem no modo pessoal de uso da língua, eles só são validados se o falante assim escolher, se estiver disposto a assumir as variações provenientes de seus interlocutores.

Ao considerar, diante do exposto, as diferentes “roupagens” que a língua assume, influenciada pelo local em que ocorre; pelo nível socio-cultural dos usuários; pela ocasião em que está sendo empregada; por aspectos individuais, passando essas influências pelo arbítrio do falante, é fácil compreender a existência do mosaico de heterogeneidades que caracterizam as línguas em geral, inclusive a língua portuguesa. Aliás, na língua escrita, as mudanças também ocorrem, contudo são muito mais lentas e graduais do que na língua falada, pois o material escrito é mais duradouro do que o material sonoro<sup>229</sup>. “Inovações comuns na língua falada – já aceitas, muitas vezes, até em situações formais de fala – não são, de imediato, aceitas na escrita, chegando, inclusive, a receber condenação explícita de gramáticos e de outros estudiosos” (FARACO, 2005, p. 26).

A postura de condenar um erro, como discute Faraco (2005), vai de encontro aos tantos estudos, como pretende ser este, que se ocupam em mostrar que a variação dos usos linguísticos é um movimento natural e que a língua que se tem hoje é resultado de infinitas transformações históricas. Essa perspectiva legalista também vai de encontro à compreensão da língua como um arquétipo de seu tempo, de seu povo, de seu contexto e de seu falante. Muito mais afinado a todas essas compreensões seria falar de inadequação contextual; desvio de norma, sendo a va-

---

<sup>228</sup> Segundo Weinreich *et al.* (2006), idioleto é fala particular de cada indivíduo, que o distancia da fala do grupo em que está inserido.

<sup>229</sup> Segundo Faraco (2005), a língua escrita é mais conservadora do que a língua falada, fazendo com que variações comuns na oralidade não sejam aceitas na escrita. Consoante o autor, esse conservadorismo ocorre na escrita, pois, além desta possuir um material mais duradouro que o sonoro, está ligada a contextos mais formais de ocorrência.

riedade padrão apenas uma das múltiplas possibilidades contempladas pela língua, regendo, geralmente, a escrita; opção pelo uso de um registro não bem quisto à situação; enfim, posturas que deem a dimensão da mutabilidade da língua, sua riqueza e seus diversos registros que estão à disposição do seu falante.

Nesse sentido, as realidades de uso da língua escrita influem diretamente na sua maior estabilidade em relação à língua oral, que é dinâmica e muito mais sujeita a variações por conta dos seus contextos informais de uso e de seu material sonoro pouco duradouro. Tendo em vista as diversas causas, formas de ocorrências e impactos das mudanças linguísticas, pode-se depreender que este é um objeto de estudo bastante frutífero, como considera Paixão de Sousa (2006) ao afirmar que, conquanto o sistema da língua seja estável, permanente e homogêneo, a mudança ainda é um objeto relevante de reflexão.

#### **4. Considerações finais**

Este trabalho se propôs a abordar, de forma introdutória e em caráter revisional, a questão da Linguística Histórica (LH) e percepção sobre a mudança linguística, objeto principal de tal ciência, inaugurada antes mesmo da Linguística moderna de Saussure.

Como se pôde perceber, os estudos de LH podem ser empreendidos sob perspectivas teóricas diversas, sem que isso descaracterize o caráter histórico da tal ciência. Ocorre que, ao incorporar preceitos de correntes investigativas outras, a LH acaba por dar um matiz histórico a pensamentos que, em princípio, não teriam esse caráter. De certa forma, isso demonstra que a LH foi incorporando as novas visões epistemológicas, tornando-a sempre atual na medida em que acolhe preceitos advindos de correntes inicialmente não históricas.

Isso, contudo, não diminui o caráter científico dos estudos desenvolvidos sob os preceitos da LH, que mantém a mudança linguística como objeto principal, podendo este receber tratamento distinto a depender de a qual corrente teórica se filiam as pesquisas históricas. Na verdade, a possibilidade de desenvolvimento de investigações históricas sobre linguagem com base em distintas concepções afirma a LH como ciência moderna que ainda respalda os estudos de diacronia.

Por fim, reconhecendo a relevância do assunto para os estudos de linguagem e a impossibilidade de dar conta de um tema que merece ainda

mais atenção, fica aqui uma contribuição revisional para alunos de Letras e demais indivíduos interessados nos aspectos históricos da língua, os quais encontram nicho fértil na Linguística Histórica.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística Histórica: uma introdução ao estudo das línguas*. São Paulo: Parábola, 2005. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/359853/mod\\_resource/content/1/FARACO%2C%20Carlos%20Alberto%20-%20Lingu%C3%ADstica%20Hist%C3%B3rica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/359853/mod_resource/content/1/FARACO%2C%20Carlos%20Alberto%20-%20Lingu%C3%ADstica%20Hist%C3%B3rica.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2017.

ILARI, Rodolfo. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs). *Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos*. São Paulo: Cortez, 2011.

JEFFERS, Robert; LEHISTE, Ilse. Explanation in linguistic change: the Case of sound change. In: JEFFERS, Robert; LEHISTE, Ilse (Orgs). *Principles and Methods for Historical Linguistics*. 5. ed. Cambridge, MASS, Londres (Inglaterra): The MIT Press, 1992.

LEHMANN, Winfred Philip. *Historical Linguistics: an Introduction*. 3. ed. New York & London: Routledge, 1992.

MAIA, Clarinda. Linguística histórica e filológica. In: LOBO, Tânia *et al.* (Orgs). *Rosae: Linguística Histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: UFBA: 2012.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola, 2008.

MEILLET, Antoine. *Esquisse d'une histoire de la langue latine*. 2. ed. Paris: Librairie Hachette: 1931. Disponível em: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k935298p/f15.image>>. Acesso em 02 out. 2017.

PAIVA, Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na Sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamen-*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*tos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial: 2006.

PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. Linguística histórica. In: NUNES, José Horta; PFEIFFER, Claudia (Orgs). *Introdução às ciências da linguagem: linguagem, história e conhecimento*. Campinas, Pontes: 2006. Disponível em: <[http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/b/b8/PAIXAODESOUZA\\_MC-2006a.pdf](http://www.tycho.iel.unicamp.br/gentle-wiki/arquivos/b/b8/PAIXAODESOUZA_MC-2006a.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2017.

RODRIGUES, Celeste. Variação Sociolinguística. In: MARTINS, Ana Maria; CARRILHO, Ernestina (Orgs). *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlim/Boston: De Gruyter. 2016.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

WEEDWOOD, Barbara. *Historia concisa da linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.